

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

349
P. 132



DE
CANGACEIRO
A
SANTO

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

2110
~~2110~~

De Cangaceiro a Santo

Direitos adquiridos e registrado de acôrdo com a lei
na Biblioteca Nacional

★

 EDITORA
Prelúdio

RUA IPANEMA, 772 - FONE: 93-1374
SÃO PAULO

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

DE CANGACEIRO A SANTO

História verdadeira, baseada na vida
do grande Santo "Pedro Armengol",



Há drama na vida humana
Que a todos causa espanto
Como este que apresento
Dum jovem que sofreu tanto
Que pelas sendas da vida
Foi "De Cangaceiro a Santo".

É um conto verdadeiro
Mostrando fatos reais
De um filho que seguiu
Pelos caminhos fatais
Fugindo aos bons conselhos
Dos seus extremosos pais.

Este drama é um exemplo
Para os jovens inocentes
Que se deixam conduzir
Por estradas diferentes
Das seguidas pelos pais
Nos ensinamentos conscientes.

Mas, nem tudo está perdido
Havendo sinceridade
Dor, fé, arrependimento,
Amor, perdão e verdade;
Passa o maior criminoso
Para o grau de santidade.

Como o herói dêste drama
Que seguiu a trilha errada
Enfrentou o próprio pai
Na ponta de sua espada
Porém, se arrependendo
Teve a culpa perdoada.

Descendente dos ilustres
E ricos condes de Urgel,
O Pedro Armengol nasceu
Com um destino cruel,
No suntuoso castelo
Do seu pai justo e fiel.

Os pais do pequeno Pedro
Eram muito piedosos
Sinceros, trabalhadores,
Humanos e caridosos
Tementes a Jesus Cristo,
Fiéis e religiosos.

Por isso, eles trataram
De dar logo ao menino
Uma fina educação
No caminho do ensino
Porém, Pedro era marcado
Pelas garras do destino.

Desenvolveu-se bastante,
Era muito inteligente
Na escola, entre os colegas,
Era o mais competente
O mais desembaraçado,
Intellectualmente.

Porém, aos catorze anos
Teve a infelicidade
A desgraça, de travar
Conhecimentos de amizade
Com jovens maus, já expulsos
Da boa sociedade.

Pedrinho inexperiente
 Na mão dêsses miscráveis
 Corrompidos, depravados,
 Por caminhos condenáveis
 Foi arrastado aos vícios
 Mais tristes e abomináveis.

O Pedro Armengol tornou-se
 Perverso, mau e nojento;
 Seus pais sempre recebiam
 Queixas a todo momento
 Contra o filho escandaloso,
 Ingrato e sanguinolento.

Diante de tantas queixas
 Aquêles pais amorosos
 Chamavam o filho às falas
 Davam conselhos bondosos
 Para que êle deixasse
 Os vícios peccaminosos.

Até que, um certo dia
 O pior aconteceu
 O conde Arnaldo Armengol
 Pai de Pedro, recebeu
 Uma queixa tão horrível
 Que dessa forma rompeu:

Filho do meu coração
 Escuta-me um momento
 Não podes continuar
 Sendo um sanguinolento
 Perverso, mau, depravado,
 Sem amor nem sentimento.

Nascestes em bêrço de ouro
 Zelado por boas mãos
 Descendente de fidalgos
 Profundamente cristãos
 Mas, não segues os exemplos
 Deixados por teus irmãos.

Pedro aborrecido disse:

— Não aceito comentário

Acabe com seus sermões

Que o senhor não é vigário

Nem eu sou freira que ande

Abraçada com rosário.

Por favor, deixe-me em paz

Inda disse brutalmente;

O conde respondeu: — Filho,

Deixe de ser insolente.

— Ora bolas! Disse Pedro,

Diga-me logo o que sente.

— É assim que tu respondes?

Filho ingrato e desalmado!

— Sim, é assim que respondo,

E fale logo apressado

Diga o que quiser de mim,

Que estou muito vexado.

— Pois bem, filho de minh'alma

Escuta a minha amargura

Com essa vida que levas

De escândalo e desventura

Para mim e tua mãe

Estás cavando a sepultura.

Ouvindo, Pedro rompeu

Em gostosas gargalhadas

Dizendo: — Era só isso,

Que queria, com massadas?

Eu já não suporto mais

As suas cantoroladas.

O conde surpreso disse,

Como quem da Lua cai:

— É assim que tu respondes?

Aos conselhos de teu pai?

— Não lhos pedi, disse Pedro.

Sermão para mim não vai.

Diante à resposta brusca,
Cai o conde atordoado
Em frente a um crucifixo
De joelhos, amargurado,
Chorando pelos escândalos
Do filho ingrato, malvado.

Mesmo assim, os velhos condes
Viviam em penitência
Rezavam, pediam a Deus
Para o seu filho, clemência
Porém, Pedro só seguia
Pela desobediência.

Só andava acompanhado
Pelos maus e assassinos,
Cometia entre os malandros
Os maiores desatinos,
Parecia já perdido
Para os chamados divinos.

Certa noite, embebedou-se
E bancou o valentão,
Entre os próprios companheiros
Num antro de suspeição,
Apanhou que quase morre;
Ficou caído no chão.

Pedro, naquela cidade
Ninguém confiava nele
Os rapazes de famílias
Não acompanhavam êle,
Como quem foge da peste,
As moças fugiam dêle.

Se passava numa rua
Rapazes, moças, meninas,
Batiam logo as janelas;
Quando dobrava as esquinas,
Só ouvia os xingamentos
Contra às ações assassinas.

Na mesma noite que tinha
Naquele antro brigado
Com os amigos de vícios
Sentindo-se envergonhado
Resolveu deixar a casa
Destinado a ser soldado.

Por isso, verificou
Praça, no mesmo momento
Mas, os hábitos desonestos
Obrigaram ao regimento
Expulsá-lo, em pouco tempo
Pelo mau comportamento.

Pedro, com a expulsão
Começou a detestar
Tôda espécie de soldado;
Por isso, foi procurar
Unir-se aos malfeitores
Para poder se vingar.

Audou uma noite tôda
Por grutas, despenhadeiros
Com o fim de encontrar
Um grupo de cangaceiros
Assaltantes de estradas
Perversos, maus, desordeiros.

Seguia em busca da serra
Porque há muito sabia
Que um grupo criminoso
Nesse lugar residia
Porém, ao aproximar-se
Foi prêso por um espia.

Depois, levado à presença
Do bandido "Braço Forte"
Que era o chefe do bando
Feio que só "a má sorte",
Para quem o perseguisse
Tinha a sentença de morte.

— Quem é você, de onde vem?

Pedro logo respondeu:

— Me chamo Pedro Armengol,

Saí quando anoiteceu,

Dessa cidade vizinha

Pelo que me aconteceu.

Ouvindo isso, o bandido

Foi lhe dizendo: — Eu já sei...

Você é um espião

Das tropas do nosso rei!...

Vai morrer, agora mesmo,

Na fôrça da minha lei.

Chamou um capanga e disse:

— Arruel, me arme um laço

No galho daquela árvore

Porque o que digo faço

E enforque este espião

Pendurado no espaço.

Disse o capanga: — Assim seja;

Porém, Pedro replicou:

— Pode matar-me, se quer

Mas espião eu não sou

Se conceder-me uma graça

Verá quem o procurou.

“Braço Forte”, ouvindo, disse:

— E o que deseja de mim?

Não sabe que sou malvado,

Perverso, cruel e ruim?

— Sei tudo — respondeu Pedro

E seguiu dizendo assim:

— A vida já não me serve

Perdi tôda a esperança

Vim somente procurá-lo

Com inteira confiança

De ser ajudado, para

Fazer a minha vingança.

Contra tudo e contra todos
 Que me arruinaram a sorte
 O chefe então perguntou:
 — E não tem medo da morte?
 Pedro disse: — Eu nada temo
 Ao lado de "Braço Forte".

O chefe, por uns instantes,
 Olhou bem para o rapaz;
 Disse: — Conte a sua história
 Seja sincero e capaz
 Antes de Arruel mandá-lo
 Para as mãos de Satanás.

Pedro Armengol contou tudo
 Como foi bem educado
 Pelos seus bondosos pais
 E como foi arrastado
 Para os vícios mais ímpuros
 Para a estrada do pecado.

Quando Pedro terminou,
 "Braço Forte", em atenção
 Disse: — Eu também fui assim
 Tive boa educação
 Cai num crime, forçado,
 Hoje estou na perdição.

Você vai ficar conosco
 A sua história é capaz
 Arruel, vá logo e manda
 O cozinheiro Tomás
 Fazer e dar uma boa
 Comida a este rapaz.

Assim, foi Pedro Armengol
 Integrado aos bandoleiros
 Embora que descendesse
 Dos condes mais justiceiros
 O destino colocou-o
 No bando de cangaceiros.

A fuga de Pedro fez
Os seus piedosos pais
Chorarem amargurados
Ainda sofrendo mais
Quando souberam o destino
Que tinha tido o rapaz.

Já, unido aos bandidos
Perversos, salteadores
Assaltando, nas estradas
Inocentes viajores
Como um fiel componente
Do bando de malfeitores.

Os pais, com isso, sentiram
Que o instinto da vingança
Tinha dominado Pedro
Choraram como criança
Sobre o futuro do filho
Quase perderam a esperança.

Arnaldo Armengol, o conde,
Pai de Pedro, aconselhou-se
Com a esposa e amigos
Pelo ato, convergonhou-se
Vendeu todos os seus bens
Com a mulher retirou-se.

Para o Reino de Valença,
Nação recém-conquistada
Por Dom Jaime, um seu amigo,
Alma cristianizada
Que o recebeu nos braços
Não lhe faltando mais nada.

Dom Jaime vendo no conde
Pelas altas distinções
Homem de linhagem nobre
Nos deveres, nas ações,
Nomeou-o comandante
De um dos seus batalhões.

Arnaldo Armengoi ficou
 No posto de Capitão
 Pelas suas excelentes
 Qualidades de cristão
 Tornou-se um pai, um amigo
 Para todo o batalhão.

Enquanto isso, o seu filho
 Entre aquêles bandoleiros
 Tornou-se tão arrojado
 Nos seus assaltos primeiros,
 Que já era o mais temido
 E feroz dos cangaceiros.

Com as tropas de Dom Jaime
 Quando o bando se encontrava
 Na luta de vida e morte
 Só Pedro se destacava
 Até "Braço Forte", o chefe
 Nas unhas dêle, chocava.

No manejar da espada
 O seu braço era possante
 Tinha destreza e coragem
 Era valente, arrogante;
 "Braço Forte" deu-lhe o título
 De "Espada Cintilante".

Já, era o lugar-tenente
 Do seu chefe "Braço Forte",
 Porém, mais admirado
 Pelos colegas de sorte
 Por ser o mais sanguinário
 E não ter medo da morte.

Era, "Espada Cintilante",
 Um inimigo do bem
 Matava sem ter remorso
 Num passe de vac e vem
 Quantos lhe aparecessem,
 Não respeitava ninguém.

Certa vez, êle atraiu
Um batalhão de soldados
Para um despenhadeiro;
Lugar onde os celerados
Com espadas afiadas
Estavam entrincheirados.

Quando os soldados passavam
Na goela do boqueirão
Pedro pulou, entre êles
Com sua espada na mão
Ferindo uns e deixando
Outros mortos pelo chão.

Dispersou o batalhão
Junto com os companheiros
Foi saudado com abraços
Por todos os bandoleiros
Como o verdadeiro herói
Do grupo de cangaceiros.

Pedro que, agora era
O Espada Cintilante,
Andava em tôda Espanha
Com o seu nome alarmante
Fazendo tremer a todos
Tôda hora e todo instante.

Todos lhe obedeciam
Porque se fôssem pegados,
Em qualquer falta, seriam
Logo mortos enforcados,
Pelas margens das estradas
Em arvoredos copados.

Até que, numa batalha,
Em um combate renhido,
Braço Forte liquidou-se...
Sendo ali mesmo escolhido
O Espada Cintilante
Como o chefe destemido.

Dom Jaime, Rei de Valença
 Por êsse tempo, sabendo
 Que nos Montes Pirineus
 Havia um bando tremendo
 De cangaceiros perversos
 Tôda miséria fazendo.

Para salvar o seu povo
 Deu ordens ao Capitão
 Armengol para que fôsse
 À frente do batalhão
 Acabasse os cangaceiros
 Não tivesse compaixão.

Quando em casa, o Capitão
 Disse à espôsa querida
 A ordem do Rei Dom Jaime
 Por êle já recebida
 A mulher chorou bastante
 Temendo por sua vida.

Porque sabia que muito
 O marido se arriscava
 Com Espada Cintilante
 Que nem ao Rei respeitava
 Das suas garras de fera
 Quase ninguém escapava.

Recomendou o marido
 A Virgem da Conceição
 Pedindo para que Deus
 Tocasse no coração
 De Espada Cintilante
 Que se fizesse cristão.

O Capitão Armengol
 Não saía do seu trilho
 Ao consolar à espôsa
 Pensava no impecilho...
 — Talvez um dêsses bandidos
 Seja o meu querido filho!

Nunca mais ouvi falar
Em Pedro, meu filho amado
Talvez, até que já tenha
Hoje, o seu nome mudado
Deus Poderoso ajudai-me
Achar meu filho adorado.

Para cumprir a missão
Partiu no seguinte dia
À frente dos seus soldados
Tropas de cavalaria
Acompanhando mais dois
Batalhões de infantaria.

O Capitão Armengol
Viajava sem conforto
Durante tôda a viagem
Como em busca de um pôrto
Só pensava no seu filho...
Estaria vivo ou morto?

Leu que o Evangelho diz:
— "Não quero que o pecador
Morra, mas que se converta
E viva", no Salvador,
A vida da harmonia,
Da justiça e do amor.

Vinha-lhe a esperança
Do fundo do coração
Por isso, pedia a Deus
Para o filho, a conversão
Se fôsse vivo e se morto
Que lhe alcançasse o perdão.

Lá em casa, a mãe de Pedro
Orava a Deus verdadeiro
Pedindo que transformasse
O coração carniceiro
Do filho ingrato e fizesse
Daquêle lobo, um cordeiro.

Já nos Montes Pirineus
Com as tropas preparadas
O Capitão ocultou-se
Porém, deixou nas estradas
Com uns fardos sem valor
Umhas mulas carregadas.

Os bandidos que estavam
Muito perto, tocaiando
Quando viram os animais
Carregados, caminhando
Avançaram contra êles
E foram descarregando.

Entretidos com as cargas
Os bandidos ocupados
O Capitão Armengol
Pulou, com os seus soldados
Em cima dos assassinos
Tomando todos os lados.

Todos, de espada em punho
Atacaram aos ladrões
A confusão foi terrível
Blasfêmias e maldições
Gritos de dor, desespero
Gemidos, lamentações.

Os bandidos reagiram
Na enorme confusão
As espadas retiniam
Corpos rolavam no chão
De bandidos e soldados
Da tropa do Capitão.

É que os salteadores
Já estavam resolvidos
A vender a vida caro
Embora muito feridos
Enfrentavam, corpo a corpo,
Aos soldados destemidos.

LÁ EM CASA, A MÃE DE PEDRO
ORAVA A DEUS VERDADEIRO
PEDINDO QUE TRANSFORMASSE
O CORAÇÃO CARNICEIRO
DO FILHO INGRATO E FIZESSE
DAQUELE LÔBO UM CORDEIRO



Não se contava os mortos
Entre ladrões e soldados
As espadas se cruzavam
Nos golpes descarregados
Voavam tochas de fogo
Dos ferros despedaçados.

O Capitão Armengol
Suspeitou, no mesmo instante
Que entre aquêles bandidos
Estivese o arrogante
Chefe cognominado
De Espada Cintilante.

Apcou-se do cavalo
E tomou de um soldado
A espada, pois a dêle
Tinha se despedaçado
E a quem julgava o chefe
Caminhou para o seu lado.

Frente a frente, o Capitão
Com o chefe dos ladrões
O Espada Cintilante
Sem discutirem razões
Partiram, um para o outro
Igualmente a dois leões.

Como feras, pai e filho
Em luta desconhecida
Lutavam para vencer
Numa batalha renhida
Pois, cada um procurava
Defender a própria vida.

Na fôrça dos dois heróis
As espadas se erguiam
E nos ares se topavam
Grossas faíscas saíam;
Os dois estavam tão cegos
Que não se reconheciam.

E continuava a luta
Quando o milagre se deu
O Espada Cintilante
Num golpe que recebeu
Como que, abriu os olhos
Ao seu pai reconheceu.

Em pedaços pelos ares
A sua espada se vai;
Nessa hora, arrependido
Aos pés do Capitão cai
Obediente, chorando
Dizendo: — Perdão, meu pai!

Perdão, meu pai, para um filho
Mau, ingrato e pecador!
Abençoai êste infeliz!
Perdoai o malfeitor!
Para que descanse em paz
Nos braços do Salvador.

Arnaldo reconhecendo
Naquele chefe bandido
O seu próprio filho Pedro
Que estava foragido;
Ficou exclamando: — Filho!
Meu filho! Pedro querido!

E abraçaram-se diante
Dos bandidos e soldados
Que, com a cena imprevista
Ficaram maravilhados
Olhando o pai e o filho
Chorando os dois abraçados.

Mas Pedro continuava
Dizer sem consolação:
— Meu pai, eu sei que não sou
Mais digno do seu perdão
Portanto, dê-me o castigo
Com a sua punição.

Nisso, o conde Capitão
Vendo o filho arrependido
Prostrado aos seus pés disse:
— Levanta Pedro querido
Já que Deus me trouxe o filho
Que eu julgava perdido.

Por mim, estás perdoado
De todo meu coração
Dou muitas graças a Deus
E a Virgem da Conceição
Em ver-te resignado
Nas portas da salvação.

Assim, terminou-se a luta
Onde muitos pereceram
Foram presos ou feridos
Outros com medo correram
Com a conversão de Pedro
Os ladrões se soverteram.

O capitão conduziu
O seu filho convertido
Só para experimentar
Se êle estava arrependido
Com provas, reconheceu
Em Pedro, o dever cumprido.

Quando correu no país
A nova da conversão
De Espada Cintilante
Habitantes de Aragão
E da Catalunha, foram
Abraçar o Capitão...

Dando-lhe mil parabéns
Por êle haver conseguido
Recuperar o seu filho
Que parecia esquecido
Para Deus e para a Pátria
Completamente perdido.

PERDÃO, MEU PAI, PARA UM FILHO
MAU, INGRATO E PECADOR!
ABENÇOAÍ ESTE INFELIZ!
PERDOAI O MALFEITOR!
PARA QUE DESCANSE EM PAZ
NOS BRAÇOS DO SALVADOR.



Não devemos condenar
 Ninguém, por ser pecador,
 Que o coração é terra
 Onde não vai caçador,
 E se convertendo, Deus,
 Perdoa seja quem fôr.

Um dia caindo em si,
 Se converte o pecador;
 Exemplo: o Bom Ladrão,
 Que também foi malleitor.
 E tantos outros que no céu,
 Têm honra e resplendor.

Além dêste, outros tantos
 Que a Santa Igreja Católica
 Nos aponta como exemplo
 Aonde a fé apostólica
 Abre a luz e fecha a porta
 Da estrada diabólica.

Para a total conversão
 Pedro viu duros momentos
 Pensando no seu passado
 Nos atos sanguinolentos
 Viu-se num mar de angústias
 Tentações e sofrimentos.

O Demônio aproveitou-se
 Daquela situação
 Confusa de desespero
 Aumentou a tentação
 Fazendo crer ao rapaz
 Que não tinha salvação.

Pensava Pedro que os crimes
 Por êle já praticados
 Nem na terra nem no céu
 Não seriam perdoados
 E o Satanás lhe mostrava
 O quadro dos seus pecados.

Deus, porém, dos Altos Céus
Contemplava tudo isso
Resolveu fazer de Pedro
Um apóstolo benquisto
Dos maiores luminares
Da Santa Igreja de Cristo.

Animou-o de viva voz
Em centenas de sermões
Que Pedro ia ouvir
Nos templos, nas procissões
Com isso, o Demo perdia
Em suas insinuações.

Pedro ouvindo, na Igreja
Um sacerdote pregar
Que Deus era bom e justo
E podia perdoar
A todos os pecadores
Resolveu se confessar.

Na Espanha, em Barcelona
Foi ouvido em confissão
Por um sacerdote santo
Da cristã religião
Foi quando Pedro sentiu-se
Mais perto da salvação.

Sentiu-se reanimado
Entregou-se à oração
De corpo e alma, com fé
Pela mortificação
Entre duras penitências
Pedindo a Deus o perdão...

Passava noites de joelhos
Contrito, sem murmurar
Entregue à meditação
Sem se bolir do lugar
Pedindo misericórdia
Para Deus o perdoar...

O Demônio, furioso
Com a derrota sofrida
Continuou a tentá-lo
Porém, não houve saída
Terminou dando um estouro
Tôda luta foi perdida.

Pedro, para reparar
Os crimes, feitos outrora
As injúrias, contra Deus
Resolveu, em boa hora
Fazer-se membro da ordem
Da Virgem Nossa Senhora.

Essa ordem é conhecida
Porque mantém um convento
Onde recebe os irmãos
Saídos do sofrimento
Para o ingresso na vida
Santa do arrependimento.

Ordem de Nossa Senhora
Das Mercês, em Barcelona
Pedro entrou para o convento
Onde a Virgem é a patrona
Salvando os arrependidos
Quando o mundo os abandona.

Pedro, já muito mudado
Enfrentou os exercícios
Entre duras penitências
Com todos os sacrifícios
Para alcançar as virtudes
Não olhava os precipícios.

Porém, os superiores
Da Ordem, observando
O sacrificio de Pedro,
Foram lhe aconselhando
Estudos eclesiásticos
Que foram lhe ministrando.

O antigo cangaceiro
Que agora, revestido
Do santo burel da Ordem
Piaamente arrependido
Era Frei Pedro Armengol
Por todos muito querido.

Tendo uma rara memória
E brilhante inteligência,
Recebeu as ordens sacras
Contra a sua consciência;
Por ter sido um criminoso
Combatendo a Providência.

Então, os Superiores
Da Ordem, no principal
Ponto de observação,
Olhando aquêlê ideal,
Resolveram conceder-lhe
A ordem sacerdotal.

Frei Pedro, obedecendo
Ordens dos superiores
Curso a Teologia
Aprendendo os seus valores
Sendo feito sacerdote
Por dotes merecedores.

Ordenado sacerdote
Com divina vocação
Celebrava a Santa Missa
Todo dia em devoção
Rogando pelos escravos
A Virgem da Conceição.

Da mesma forma que Pedro
Suplantou os cangaceiros
Em bravura e destemor
Foi o maior dos obreiros;
Ele agora no convento
Surprendia os companheiros.

Exercendo a piedade
Ou em mortificação
Maltratava tanto o corpo
Que lhe chamaram a atenção
Pedro era exemplo em tudo
Naquela congregação.

Dando provas de fervor
E zêlo, entre os mais bravos
Defensores dos humildes,
Não importando os agravos,
Foi-lhe confiado o cargo
Da redenção dos escravos.

Com seu fiel companheiro,
Frei Guilherme Florentino,
Foram à Bugia, na África,
Salvando do mau destino
Cento e dezanove escravos
Do paganismo assassino.

Depois, voltaram à Espanha
Com fé em Deus Verdadeiro
Trazendo aquêles escravos;
Mas tiveram outro roteiro
De que dezoito meninos
Estavam no cativoiro...

Estavam essas crianças
Prêsas por mouros pagãos
Sofrendo p'ra renegarem
A santa fé dos cristãos;
Porém todos os esforços,
Contra elas, eram vão.

Os frades chegando, foram
Falar ao chefe dos mouros
E resgataram as crianças
No valor de um tesouro
Para salvá-las dos monstros
Pagando a pêsso de ouro.

Porém, os frades não tendo
O capital verdadeiro
Um foi levar as crianças
Para trazer o dinheiro
E o outro ficou prêso
No maldito cativoiro.

Côm os dezoito meninos
Frei Guilherme viajou
E o frade Pedro Armengol
Como refém lá ficou
Até que findou-se o prazo
E o outro não regressou.

Frei Guilherme não chegando
Os mouros ficaram irados;
Sem o ouro do resgate,
Julgavam-se enganados;
Os chefes maometanos,
Queriam ficar vingados.

Por isso, o pobre Frei Pedro
Na mesma hora, pegaram
E numa cadeia imunda
Por vingança encarceraram
Para castigo maior
Dia e noite o atormentavam.

Mas, antes, Frei Pedro tinha
Com trabalho, conseguido
A conversão de alguns
Que se tinham resolvido
Acreditar no batismo
Do Messias Prometido.

Ésses pagãos convertidos
Faziam opposição
Contra aos que desejavam
Matar o frade cristão,
Porém êles enraivados
Não lhes prestavam atenção.

Com três dias de espera
A sentença foi lavrada
Para Frei Pedro ser morto
Uma fôrca foi armada
Sem a menor piedade
Foi a ordem executada.

Agora, caro leitor,
Veremos o quanto é forte
A fé de quem acredita
No Autor da nossa sorte
E como Nossa Senhora
Defende um cristão da morte.

Frei Pedro ficou na fôrca
Parecendo ter morrido
Oito dias pendurado
Sem que pudesse ter sido
Retirado porque era
Pelos chefes, proibidos.

Os dias foram passando
Sem nenhuma alteração
Quando ninguém esperava
Chegou uma embarcação
Frei Guilherme com o ouro
Para salvar o cristão.

Chegando foi informado
Do brutal acontecido
Com o Frei Pedro Armengol
Seu companheiro querido
Um crime repugnante
Pelos pagãos, cometido.

Em companhia de alguns
Que tinham assistido o fato
Frei Guilherme foi olhar
E ficou estupefato
Quando viu que o cadáver
Não estava putrefato!

Ninguém sentia mau cheiro
 O assombro era geral
 Ao contrário, rescendia
 Um odor celestial;
 Quando se ouviu do alto
 Uma voz angelical.

Era Frei Pedro explicando
 O que tinha se passado
 Que Nossa Senhora havia
 Sua vida conservado
 Para que aquêlê exemplo
 Ficasse concretizado.

Frei Guilherme e os convertidos
 Da fôrça, o frade desceram;
 Os pagãos maometanos
 Confusos permaneceram,
 Porém olhando o milagre
 Diversos se converteram.

Ambos os missionários
 Depois dêsse acontecido
 Regressaram à Barcelona
 Crentes do dever cumprido
 Aonde Frei Pedro foi,
 Como um herói, recebido.

Reuniu-se o povo todo
 Num grande acompanhamento
 Exaltando o grande-feito
 Do pôrto até o convento
 De Nossa Senhora das
 Mercês, com contentamento.

Os confrades de Frei Pedro
 Sabendo o acontecido
 Quiseram ouvir de seus lábios
 Porém êle entristecido
 Trancou-se em sua humildade
 Não atendeu ao pedido.

O Bispo, porém, forçou-o
 Narrar o que se passou
 Diante a obrigação
 Frei Pedro não relutou
 Humilde e modestamente
 Dessa maneira falou:

— “A Virgem Maria, Mãe
 De Deus e nossa” também,
 Pediu a seu Santo Filho
 Que do Alto, do além,
 Conservasse a minha vida
 E os anjos disseram: Amém.

Conseguindo êste favor,
 A Virgem Mãe dos cristãos,
 Sustentou-me muitos dias,
 Com suas santíssimas mãos
 Para que eu não morresse
 E voltasse aos meus irmãos.

Pois, meu corpo flutuando.
 A corda não arrojava
 E a Rainha Soberana
 Nos arcs me sustentava,
 Suspenso, no meu pescoco,
 O laço não me afogava.

Terminada a narrativa,
 Tudo que aconteceu...
 Dois anos em Barcelona
 Frei Pedro Armengol viveu
 Em penitência constantes,
 A muitos maus converteu.

Quando falava ao povo
 Nos seus sermões inflamados
 De amor e humildade,
 Contra o horror dos pecados,
 Trazia muitos incrédulos
 Ao rol dos iluminados.

Porém, um dia fugindo
Pelo bem que praticava
Dos aplausos que a cidade
Inteira lhe tributava,
Refugiu-se Frei Pedro
Onde ninguém esperava...

No conventozinho de
Nossa Senhora dos Prados,
Bispado de Terragona,
Entre os bem-aventurados,
Onde seguiu no caminho
Dos santos martirizados.

Submeteu-se a uma série
De contínuas penitências
E de virtudes heróicas
Orações e indulgências,
Porque só o bem accende
O farol das consciências.

Assim viveu alguns anos,
Até que veio a sofrer
Uma grave enfermidade
Que não a pôde vencer,
Predisse o dia e a hora
Que havia de morrer.

Depois de ter recebido
Com fervor e humildade
Aos últimos Sacramentos
No seio da santidade
Morreu, sorrindo, aos quarenta
E mais seis anos de idade.

A vinte e sete de abril
Foi esse fato passado
Em mil trezentos e quatro
Como está escriturado
Por isso que, em todo o mundo
Esse dia é festejado.

Frei Pedro deixou na terra
 A sua parte simbólica
 Firmada na consciência
 Da sua fé apostólica,
 Como um dos grandes santos
 Da Santa Igreja Católica.

A vida humana tem quadros
 Litografados a cores...
 Matizando os panoramas
 Entre folguedos e dores
 Isso, numa luta imensa
 De Cristo vem recompensa
 Alívio aos pecadores.



SENSACIONAL! **INÉDITO!**

Você ficará satisfeito e atualizado ao
 Comprar um exemplar de **MELODIAS**
MELODIAS está totalmente diferente!

MELODIAS está completa!

Uma centena de letras de músicas populares e sertanejas, breves notícias sobre rádio e televisão, seções variadas que lhe agradarão, partituras de música para harmônica, e o que é muito importante: **MELODIAS ENSINA VOCE A TOCAR VIOLÃO** por um novo método, revolucionário, verdadeiramente sem auxílio de professor!

MELODIAS

A venda em tôdas as bancas.

7873



AS CONHECIDAS "CARTAS DE AMOR" DE FRED JORGE,
QUE EMPOLGARAM MILHÕES DE OUVINTES DE RÁDIO,
REUNIDAS NUM LIVRO DEDICADO AOS ENAMORADOS



PEDIDOS À EDITORA PRELÚDIO LIMITADA
RUA IPANEMA, 772 — FONE: 93-1374 — SÃO PAULO

SNB